



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JANAÍNA ARAUJO ANDRADE

**AS CONTRIBUIÇÕES DO IDEB PARA O ENSINO DA LÍNGUA
PORTUGUESA DO 1º AO 5º ANO, NA VISÃO DOS PROFESSORES
DOS ANOS INICIAIS DO MUNICÍPIO DE BOA VISTA-PB**

**CAMPINA GRANDE
2016**

JANAÍNA ARAUJO ANDRADE

**AS CONTRIBUIÇÕES DO IDEB PARA O ENSINO DA LÍNGUA
PORTUGUESA DO 1º AO 5º ANO, NA VISÃO DOS PROFESSORES
DOS ANOS INICIAIS DO MUNICÍPIO DE BOA VISTA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA JOSÉ GUERRA

CAMPINA GRANDE

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A553c Andrade, Janaína Araujo

As contribuições do IDEB para o ensino da língua portuguesa do 1º ao 5º ano, na visão dos professores dos anos iniciais do Município de Boa Vista-PB [manuscrito] / Janaína Araujo Andrade. - 2016.

39 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Maria José Guerra, Departamento de Educação".

1.Avaliação em língua portuguesa. 2.Ensino-aprendizagem.
3.Ensino fundamental. 4.Prática pedagógica. I. Título.

21. ed. CDD 372.19

JANAÍNA ARAUJO ANDRADE

AS CONTRIBUIÇÕES DO IDEB PARA O ENSINO DA LINGUA POTUGUESA DO 1º
AO 5º ANO, NA VISÃO DOS PROFESSORES DO ANOS INICIAIS DO MUNICÍPIO DE
BOA VISTA – PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Pedagogia do Departamento de Educação da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento às exigências legais para
obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: 20/10/2016

BANCA EXAMINADORA

Maria José Guerra

Nota: 9.5

Profa. Dra. Maria José Guerra - (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Valdecy Margarida da Silva

Nota: 9.5

Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva – (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro

Nota: 9.5

Profa. Me. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro – Examinadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Média: 9.5

Dedicatória

A minha mãe Cleonice Araujo de Oliveira, a meu pai José Farias de Oliveira, a minha irmã Joelma Araujo de Oliveira Macário, a meus filhos Gabriella Araujo Andrade e Luan Araujo Andrade e ao meu marido Wilkerson de Lucena Andrade, pessoas cujo amor e gratidão são inexplicáveis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a meu maior mestre *Deus* onde entreguei a ele minha vida. A todos os grandes mestres, pela oportunidade de ser tão feliz nesta encarnação, e a todas as pessoas do meu convívio que acreditaram e contribuíram, direta ou indiretamente, para a conclusão deste Curso. A palavra mestre nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais, sem nominar, terão meu eterno agradecimento.

A minha orientadora Professora *Maria José Guerra*, pelo empenho, paciência e credibilidade, obrigada por tudo.

A minha *Mãe*, que ao longo de minha caminhada esteve sempre ao meu lado com palavras de carinho. Serei eternamente e imensamente grata pelo amor incondicional e pela paciência, por terem feito o possível e o impossível para me oferecerem a oportunidade de estudar, longe delas, mas acreditando, respeitando e apoiando as minhas decisões, sem deixar que as dificuldades acabassem com os meus sonhos. Sem vocês, o sonho não seria possível.

Ao meu marido e companheiro *Wilkerson de Lucena Andrade*, por ser um homem tão maravilhoso em minha vida, por cuidar de mim, me apoiando e me dando conselhos em todos os momentos e principalmente por incentivar a seguir em frente. Aos meus filhos, *Gabriella Araujo Andrade* e *Luan Araujo Andrade*, por entender as minhas ausências dedicadas ao estudo superior, fazendo sempre eu entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente. A meus *amigos* e *amigas*, que com suas palavras fortes me mostraram que seria capaz de ir em frente.

Conceber a avaliação como um projeto de futuro, no sentido de buscar garantir a todas as crianças e jovens uma aprendizagem para toda a vida. Para tanto, é preciso acreditar que não existe o "não-aprender", mas jeitos e tempos diferentes de aprender a aprender e de aprender sobre a vida. É preciso, sobretudo, respeitar a diversidade dos educandos, se pretendemos formar para a cidadania, reconhecendo todos como dignos de educação, atenção e respeito.

(Jussara Hoffmann, 2004, p. 54-5)

RESUMO

Este artigo objetiva discutir a prática da avaliação dos Anos Iniciais, em uma escola do município de Boa Vista-PB, a partir dos dados do IDEB de 2014, bem como conteúdo do texto oral fornecido pelas professoras pesquisadas. Sabe-se que a questão da avaliação está presente em todos os aspectos da prática pedagógica e torna-se importante compreender os dilemas acarretados pela prática avaliativa. Adota uma metodologia bibliográfica e de natureza qualitativa, cujos dados foram coletados entre 5 sujeitos (professoras do 1º ao 5º ano) que ministram aulas em uma unidade escolar, no município de Boa Vista-PB e têm entre 8 e 20 anos de exercício na função. Buscou-se apoio teórico nos trabalhos de alguns autores, como: Hoffman (2005), Luckesi (2002), Sarmiento (1997), entre outros. Conclui-se que o maior desafio da avaliação em Língua Portuguesa para o professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é a sua capacidade de autoavaliação sobre o processo de ensinar e aprender, bem como o olhar diferenciado, o respeito às especificidades de cada aluno, é o repensar sobre a prática pedagógica em sala de aula, é ter consciência de que vencer os desafios da avaliação é algo que não depende exclusivamente do professor em sala de aula, mas implicam em questões econômicas, sociais, políticas, familiares, da escola, entre outros.

Palavras-Chave: Avaliação em Língua Portuguesa, Ensino-Aprendizagem dos Anos Iniciais, Prática Pedagógica.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. ANOTANDO ALGUNS TIPOS DE VALIAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	12
2.1. NOÇÕES SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	12
2.2. SOBRE A AVALIAÇÃO A SERVIÇO DA APRENDIZAGEM.....	14
2.3. TIPOS DE AVALIAÇÃO NA VISÃO DOS AUTORES ESTUDADOS.....	15
2.4. O PAPEL DO EDUCADOR AVALIADOR.....	20
3. CONTEXTO E METODOLOGIA DA PESQUISA.....	22
3.1. CONTEXTO DA PESQUISA.....	22
3.2. SUJEITOS PESQUISADOS.....	23
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
4.1. DADOS DO IDEB DO MUNICÍPIO DE BOA VISTA-PB.....	24
4.1.1. <i>Características Principais da Provinha Brasil</i>	26
4.1.2. <i>Avaliação na busca de resultados</i>	26
4.1.3. <i>O Índice de Desenvolvimento da Educação (IDEB)</i>	27
4.2. CONTRIBUIÇÕES DO IDEB PARA OS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO MUNICÍPIO DE BOA VISTA-PB.....	29
CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS.....	38

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar a importância da avaliação nos anos iniciais do ensino fundamental enfatizando o índice de reprovação na disciplina de Língua Portuguesa entre o ano de 2005 até o ano de 2016, segundo dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

Estudos revelam que para melhorar a radiografia do ensino público brasileiro por unidade escolar, o Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC) aperfeiçoou o Saeb, incluindo a Prova Brasil, criada em 2005, e mantendo inalterada a avaliação amostral do Saeb, que hoje se chama Avaliação Nacional da Educação Básica (ANEB), e a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANRESC), mais detalhada e com foco em cada unidade escolar. Assim, com a Prova Brasil, o sistema de avaliação da educação básica passa a ser um dos mais avançados da América Latina, pois oferece informações mais precisas sobre a qualidade de educação por escolas brasileiras, neste artigo refere-se a uma escola pública de um município paraibano.

Referimo-nos a Prova Brasil e ao Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) como formas de avaliações para diagnóstico, em larga escala, desenvolvidas pelo INEP/MEC. Dessa forma, têm o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos.

Como já foi observado, desde o IDEB 2005, 2007 e suas projeções tanto para o Ensino Fundamental dos Anos (Iniciais e Finais) quanto para o Ensino Médio, que nos testes aplicados na quarta e oitava séries (5º e 9º anos) do ensino fundamental e na terceira série do ensino médio, os estudantes respondem a itens (questões) de Língua Portuguesa, com foco em leitura, e matemática, com foco na resolução de problemas. No questionário socioeconômico, os estudantes fornecem informações sobre fatores de contexto que podem estar associados ao desempenho. Portanto, com os dados dessas avaliações pode-se acompanhar a evolução dos desempenhos das escolas, das redes e do sistema de ensino como um todo.

A preocupação com o índice de reprovação escolar tem motivado teóricos da temática a desenvolverem estudos, introduzindo modificações no sistema educacional do país e especialmente no ato de avaliar. Conforme Hoffmann (1998) e Antunes (2002), avaliar a aprendizagem dos alunos não é uma tarefa simples, exige muito do professor, que precisa estar preparado para realizar tal atividade com a competência necessária. Hoffman nos alerta para o fato de que, esse exame tem por objetivo avaliar competências de Língua Portuguesa e

Matemática que são construídas ao longo do tempo e se solidificam somente com um bom trabalho pedagógico - e não com exercícios mecânicos.

A pesquisa referente “Avaliação da aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental”, seguiu o caminho de uma pesquisa de cunho analítico-descritivo. Para tanto, realizamos pesquisas bibliográficas em livros segundo os estudiosos da temática, Bonamino, Coscarelli e Franco (2002), Franco (2010), Hoffmann (2005), Luckesi (2002), Sarmiento (1997) Vasconcelos (1992), Silva (2010), dentre outros.

A escola brasileira tem sido produtora de fracassos escolares, onde segundo Carvalho, o fracasso escolar está intimamente ligado ao erro, ou seja:

Quando associamos erro e fracasso, como se fossem causa e consequência, por vezes nem se quer percebemos que, enquanto um termo – o erro – é um dado, algo objetivamente detectável, por vezes, até indiscutível, o outro - o fracasso – é fruto de uma interpretação desse dado, uma forma de o encararmos e não a consequência necessária do erro [...] a primeira coisa que devemos examinar é a própria noção de que erro é inequivocadamente um indício e fracasso. A segunda questão intrigante é que, curiosamente, o fracasso é sempre o fracasso do aluno (CARVALHO, 1997, p. 12).

Por isso, é fundamental estimular os educadores a discussões sobre o compromisso de manter na escola um aluno, motivado para a aquisição dos novos saberes, e assim promover a aprovação.

Percebemos que a educação ao longo dos anos procurou atender aos parâmetros da classe social mais privilegiada, onde a criança é atendida com recursos suficientes. Além disso, orientam o trabalho pedagógico dos professores com critérios e estratégias que devem ser seguidas.

No entanto, é preciso considerar que a criança da classe popular está inserida numa sociedade marcada pela violência, miséria, instabilidade financeira e política. Porém, o caminho viável para o desenvolvimento da sociedade é uma educação igualitária, que acolha os filhos dessa geração em conflito, conscientes de seu papel como responsável pela transformação dos cidadãos. Neste contexto, é preciso buscar alternativas inovadoras juntamente as ações pedagógicas significativas para todos.

Este estudo tem como objetivo geral investigar as concepções de avaliação que permeiam o cotidiano escolar dos educadores, após aplicação da “prova Brasil”, na unidade de ensino. Especificamente busca-se, identificar o papel da avaliação, no dia-a-dia de uma escola de Ensino Fundamental, na visão do professor; compreender de que maneira o resultado da prova Brasil, que é aplicada na unidade escolar, favorece ao desenvolvimento da

aprendizagem do aluno dos anos iniciais; analisar as contribuições do IDEB para o ensino da língua portuguesa do 1º ao 5º ano, na visão dos professores dos anos iniciais do município de Boa Vista-PB.

O texto está estruturado em três partes. Na *primeira* apontamos alguns tipos de avaliação nos anos iniciais do ensino fundamental; na *segunda* abordamos o contexto e a metodologia da pesquisa. Na *terceira* tratamos dos resultados e discussão dos dados coletados. Por fim, apresentamos as considerações finais seguida das referências estudadas para a análise do estudo.

2. TIPOS DE AVALIAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1 NOÇÕES SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A palavra *avaliação* faz parte da vida de todos os alunos das escolas desde os Anos Iniciais. Chega até, a ser chamada de patrimônio das instituições educacionais, embora a denominação “exame” é utilizada desde muitos tempos, com o mesmo sentido. Sendo assim, “[...] não é uma tortura medieval. É uma invenção mais tardia, nascida com os colégios por volta do século XVII e tornada indissociável do ensino de massa que conhecemos desde o século XIX, com a escolaridade obrigatória”. (PERRENOUD, 1999, p.9). Segundo Garcia (2003 apud DILIGENTI, 1998, p. 21).

[...] o termo avaliação é de utilização recente, já que a palavra “exame” era mais frequentemente utilizada para designar provas de conhecimento. Datam aos remotos 1200 a. C. as primeiras práticas de avaliação/exame de que temos notícia. Esses exames eram realizados pela burocracia chinesa com intuito de selecionar (somente junto aos homens) aqueles que deveriam ocupar cargos públicos. Desde seus primórdios, portanto, verificamos na avaliação a predominância de um componente seletivo em detrimento a qualquer aspecto educativo.

A avaliação da aprendizagem no ensino fundamental não deve seguir modelos ou haver mecanismos seletivos nem classificatórios. A escola deve oportunizar ao aluno uma educação básica de qualidade para que todos os cidadãos tenham acesso aos conhecimentos necessários. Dessa forma, a seleção constitui-se como um ato de violência e a negação de seus direitos.

É comum a atribuição de notas ou menções nas avaliações dos alunos. Esta prática muitas vezes tem representado um problema e vem se agravando causando recuos no processo

ensino-aprendizagem. Pode-se dizer que através da análise, sobre o processo de avaliação da aprendizagem dos alunos, é possível promover mudanças de acordo com a realidade, levando sempre em consideração as habilidades e competências de cada um.

Assim, torna-se imprescindível que o projeto educativo contemple a prática avaliativa dos professores repensando as alternativas dos autores pesquisados e postas em prática, resgatando numa dimensão mais consciente a concepção de avaliação no fazer pedagógico em consonância com a prática avaliativa como meio de realizar a transformação social, num processo ativo onde o aluno seja o sujeito dessa transformação.

Diversos autores têm feito estudos sobre o tema, com a intenção de analisar a sua contribuição no processo de ensino/aprendizagem, assim como na formação do indivíduo. No entanto, percebem a grande preocupação em eliminar esse papel seletivo de avaliação, dando assim uma nova diretriz para a mesma. Além de procurar também, desenvolver formas práticas de fazê-la, porém se percebe que nem todas são adequadas à prática pedagógica, uma vez que necessita ser aplicáveis e atender a real finalidade da educação.

Para que possamos falar em avaliação propriamente dita, é necessário que tenhamos claro qual o seu verdadeiro significado. A avaliação assume diversas conotações, dependendo do contexto que se insere. No entanto, estamos preocupados apenas em defini-la no ambiente escolar.

Diligenti (2003, p. 7) considera a *avaliação* como um “[...] processo interativo entre professor e aluno [...]”, isto é, o educador faz uso dela para acompanhar as aprendizagens dos educandos e isso reflete em sua prática pedagógica. Hoffmann (2007) parece seguir a mesma ideia ao referir-se à avaliação. Em sua obra, ela convida o leitor para refletir sobre a amplitude do conceito em questão. “Ao avaliar efetiva-se um conjunto de procedimentos didáticos que se estendem sempre por um longo tempo e se dão em vários espaços escolares, procedimentos de caráter múltiplo e complexo tal como se delineia um processo”. (HOFFMANN, 2007, p. 13). Completando seu raciocínio, a autora diz que:

[...] não se deve denominar por avaliação testes, provas ou exercícios (instrumentos de avaliação). Muito menos se deve nomear por avaliação boletins, fichas, relatórios, dossiês dos alunos (registros de avaliação). Métodos e instrumentos de avaliação estão fundamentados em valores morais, concepções de educação, de sociedade e de sujeito. São essas as concepções que regem o fazer avaliativo e que lhe dão sentido. [...] A avaliação da aprendizagem, mais especificamente, envolve e diz respeito diretamente a dois elementos do processo: educador/avaliador e educando/avaliando. (HOFFMANN, 2007, p. 13)

Como sabemos, os instrumentos de avaliação são diversos. Cabe ao professor utilizar se desse conhecimento para avaliar melhor a sua turma, de forma que vise a qualidade da aprendizagem e não a quantidade. É importante que o professor conheça bem seu aluno, para que possa juntos construir um conhecimento.

2.2 A AVALIAÇÃO A SERVIÇO DA APRENDIZAGEM

A avaliação da aprendizagem, ao longo do tempo, tem sido discutida entre educadores e está sendo objeto de estudo de vários teóricos, onde o seu papel é de grande relevância para a educação. No entanto, a avaliação continua a ser utilizada com os ranços da pedagogia tradicional.

Sendo assim, a avaliação da aprendizagem se move única e exclusivamente em torno da aprovação e reprovação, pais, professores e sistema do ensino visam essa aprovação, fazendo com que em os alunos se sintam ameaçados e pressionados a se “interessar” pelos estudos, onde por sua vez o sistema de ensino se interessa pelos percentuais de aprovação e reprovação do aluno, fazendo com que o nosso exercício pedagógico escolar, seja atravessado mais por uma pedagogia de exames que uma pedagogia do ensino/aprendizagem. De acordo com LUCKESI (2003), seguimos agindo como verdadeiros selecionadores, selecionando alunos que sabem, excluindo os que não sabem, como se a função da educação fosse selecionar e não ensinar.

A avaliação da aprendizagem é uma atividade que não pode ser separada da prática pedagógica. É ela que determina o sentido e orienta os trabalhos pedagógicos, pois, se bem trabalhada, traz ao professor uma visão real da situação de seu aluno, além de permitir ao docente perceber se tem ou não contribuído para o alcance de seus objetivos propostos. Segundo Canen (2009), a avaliação da aprendizagem é peça-chave para se avançar na melhoria do ensino e conseqüentemente no desempenho da escola como um todo. Pensar a avaliação como controle, seleção, classificação, punição e exclusão dos alunos é minimizar o papel da avaliação no ato pedagógico.

A forma de avaliação, segundo Luckesi (2003), tem sido atravessada, por uma pedagogia do exame em detrimento de uma pedagogia de ensino-aprendizagem, conforme expõe o autor:

Pais, sistema de ensino, profissionais da educação, professores e alunos, todos têm suas atenções centradas na promoção, ou não, do estudante de uma série de escolaridade para outra. O sistema de ensino

está interessado nos percentuais de aprovação/reprovação do total dos educandos; os pais estão desejosos de que seus filhos avancem nas séries de escolaridade; os professores se utilizam permanentemente dos procedimentos de avaliação como elementos motivadores dos estudantes, por meio da ameaça; os estudantes estão sempre na expectativa de virem a ser aprovados ou reprovados e, para isso, servem-se dos mais variados expedientes. O nosso exercício pedagógico escolar e atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/aprendizagem. (LUCKESI, 2003, p. 18).

Quando a avaliação é praticada na escola, nem sempre a instituição se dá conta o que está ocorrendo e principalmente o porquê que essa criança não está frequentando a escola. As pesquisas mostram que existe um alto índice de reprovação, nos Anos Iniciais do ensino fundamental, isso vem mostrar que as formas de avaliação utilizadas pela grande maioria das escolas, vêm contribuindo de alguma forma para o fracasso escolar nesta modalidade de ensino.

A avaliação é o último refúgio das escolas tradicional e tecnicista, sendo a parte mais legalizável do ensino, confere legitimidade a toda prática social da escola tradicionalista, por isso se tornou o centro das preocupações e das atividades na sala de aula e na escola. O professor, desprovido da cátedra e da autoridade do magister dixist, encontra nela a tábua de salvação para o resto do autoritarismo que ainda ele traz. (MATUÍ, 1995, p. 218).

A qualidade do ensino precisa ser mantida em todas as escolas. No entanto, as avaliações não pode ser um pretexto para que deixe de ser um processo, é necessário que ocorra no decorrer do caminho, não apenas no final, para que possa desta forma, não interferir na prática pedagógica, pois, a avaliação feita de forma correta pode contribuir para a aprendizagem dos alunos.

2.3 TIPOS DE AVALIAÇÃO

Para Luckesi (2002), a *avaliação* não é um fim, mas um meio, que permite verificar até que ponto os objetivos estão sendo alcançados, identificando os alunos que necessitam de atenção individual e reformular o trabalho com a adoção de procedimentos que possibilitam somar as deficiências identificadas.

Avaliar o aluno como um todo é uma das representações mais fortes entre os professores quando tratam da prática avaliativa. Em busca das mudanças na avaliação, encontram-se obstáculos, porém, um destes reside na tradição avaliativa predominante. As representações, valores, e a concepção de cada um está há muito tempo enraizada nos

educadores e que funcionam como elemento de resistência nos mesmos à construção de novas práticas pedagógicas.

Ainda, segundo Lückesi (1995, p. 33), “a avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou transformá-lo”. Na realidade, a avaliação deve estar voltada ao ensino-aprendizagem como um todo. É necessário acompanhar todo o desenvolvimento do aluno. Não é necessário medir apenas para dar nota, mas sim, para verificar o índice da aprendizagem.

Entendemos que a avaliação desenvolvida de forma qualitativa proporciona efeitos satisfatórios, o que possibilita a transformação dos indivíduos. Entretanto, para que as mudanças possam ocorrer é fundamental oferecer um ensino de qualidade, que a sociedade demanda. A prática pedagógica deve estar voltada à realidade do aluno, de maneira que possibilite o desenvolvimento das habilidades.

Na visão de Vasconcellos (1998, p. 53) a avaliação é um processo abrangente da existência humana implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar os avanços, resistências, dificuldades e possibilitando uma tomada de decisão e soluções para superação dos obstáculos.

Por isso, é importante considerar que há um descompasso entre os princípios e conceitos que norteiam as formações profissionais baseados não só na pedagogia tradicional, mas em toda a representação cultural alicerçada na seleção, estratificação, padronização e o desempenho do público que trabalhamos no dia-a-dia.

Isso é um fenômeno que tem se manifestado com frequência na escola. Entretanto, é necessário oportunizar a simplificação desse problema. É imprescindível tratar a avaliação ao nível de importância de seus instrumentos. Lamentavelmente alguns profissionais que atuam no 1º, 2º, 3º, 4º ou 5º ano dos Anos Iniciais em qualquer atividade de estudo como em: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Estudos Sociais entendem que, a avaliação se resume, a provas, exercícios, testes e trabalhos, entre outros. Não compreendem a avaliação como um processo amplo da aprendizagem que envolve responsabilidades do professor e do aluno.

Do Ensino Fundamental

Art. 32º. O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Dessa forma, ao tratar a avaliação como mera verificação da aprendizagem afasta-se de seus objetivos e propósitos na relação entre o ensino-aprendizagem e a formação de indivíduos para atuarem conscientemente e criticamente na sociedade.

Nesse aspecto, convém lembrar que a avaliação educacional do ensino-aprendizagem é tanto constituinte quanto integradora da ação socioeducativa. É constituinte porque faz parte do trabalho político-pedagógico do professor dos Anos Iniciais, não é um anexo nem um apêndice, pois está inserida na relação entre os atos do planejar, do ensinar e do aprender. Considera-se integradora porque “costura” os elementos da prática pedagógica, fazendo ligação entre situação necessária para que haja o vínculo do diálogo entre o planejamento, o ensino a aprendizagem e a própria avaliação. Ou, ainda, como sugere Sacristán (1998, p.297), “a avaliação serve para pensar e planejar a prática didática.”

Em Hoffmann (1993, p.23) é visível a natureza processual da avaliação, isto é, “a avaliação continua é vista como acompanhamento da aprendizagem, identificando as conquistas, problemas e o desenvolvimento dos alunos”.

Na realidade, a avaliação contínua é uma atuação e ocupação do professor com a apropriação efetiva do conhecimento e a interação do aluno que é objeto de conhecimento isolado, para assim poder cumprir a função de beneficiadora do processo ensino-aprendizagem.

Podemos, ainda, destacar dois tipos de avaliação segundo Hoffmann (1993). No primeiro a autora denomina de *avaliação diagnóstica*, como um dos meios pelos quais se podem conhecer os alunos. O que permite acompanhar a trajetória do educando, descrevendo seus problemas e potencialidades. Nesse sentido, a avaliação diagnóstica envolve a descrição e classificação. Está relacionada a uma metodologia do diagnóstico. Uma forma de diagnosticar é determinar o nível de domínio dos conteúdos previstos. Outra forma, de avaliar é verificar se os alunos adquiriram conhecimento e habilidades previstas, a fim de orientar o ensino-aprendizagem.

Na perspectiva da *avaliação diagnóstica*, Neto (1980, p. 39), também nos esclarece que:

Avaliação diagnóstica pretende definir o nível de aprendizado apresentado por cada aluno no sentido de verificarem-se pré-requisitos estabelecidos para o programa, o curso ou período que foram atendidos. De outro modo, a avaliação diagnóstica analisa, se o aluno apresenta os conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para prosseguir as demais atividades.

Com base nos teóricos já citados acima, podemos verificar que a avaliação diagnóstica é útil quando é parte de um processo e um instrumento, que ajuda a instituição a acompanhar o desempenho dos alunos e assim, evitar prováveis erros e corrigir algumas tomadas de decisões. É necessário que a avaliação assuma uma característica democrática e seja utilizada como instrumento para o desenvolvimento de atividades didáticas, sendo compreendida como elemento integrado entre aprendizagem e o ensino.

O *segundo* tipo de avaliação defendido por Hoffmann (1993), consiste, pois, na *avaliação formativa*. Esta forma de avaliar busca identificar as insuficiências principais na aprendizagem inicial, necessária à realização de momento privilegiado de aprendizagens. Além de providenciar elementos para de maneira oportuna, orientar a organização do ensino-aprendizagem em etapas posteriores favorecendo a aquisição de novos conhecimentos.

Neste sentido, devem ocorrer frequentemente práticas pedagógicas eficientes durante todo o período de ensino. Esse tipo de postura viabiliza o processo de avaliação da aprendizagem por fazer parte integrante do processo educacional. Quando bem realizada, assegura que a maioria dos alunos alcance o objetivo desejado.

Esta avaliação deve ser uma avaliação de conteúdo cumulativo destinado a medir diferentes etapas do programa. A avaliação é importante porque possibilita alinhar e atacar os pontos fracos existentes no processo de ensino-aprendizagem do grupo como um todo.

No caso da avaliação “somática” também conhecida como “classificatória ou tradicional”, é um processo de descrição e julgamento para classificar os alunos ao final de uma unidade, semestre ou curso, segundo os níveis de aproveitamento expressos em notas ou conceitos indicando ao aluno o que foi adquirido. Embora a avaliação formativa possa ser empregada como somática e diagnóstica, a questão fundamental é que a primeira observa o domínio do aluno gradativamente e hierarquicamente em cada etapa da instrução. E segundo a avaliação diagnóstica contribui para a formativa, na medida em que facilita a identificação das dificuldades dos alunos. Desta forma, constitui uma etapa inicial de avaliação formativa. Assim, a avaliação tanto formativa como diagnóstica, podem contribuir para a avaliação somática. Isto é, quando o professor durante o desenvolvimento do processo ensino-

aprendizagem, utiliza-se dos recursos da avaliação diagnóstica e formativa empregando-as no final a somática.

De acordo com Sobrinho (2000, p.106), a avaliação busca conhecer, não para executar o passado, o presente ou condenar o futuro, mas para compreender as dificuldades e equívocos e potencializar as condições de construir com melhor qualidade os agentes, a instituição e os contextos.

Entendemos que o momento privilegiado da avaliação na Escola deve ser o de conhecer o nível de conhecimento e informações dos alunos. É algo satisfatório quando se percebe que o aluno está progredindo, avançando a fim de alcançar os objetivos desejados. A avaliação também proporciona detectar os erros, as falhas no processo de ensino da prática educativa, bem como o que é possível fazer para minimizar os problemas e tentar sanar as dificuldades no que se refere à educação.

Por conseguinte,

A avaliação é um processo complexo, nem tanto pelas dificuldades instrumentais ou pelos tecnocratismos, nem pela eventual dificuldade de obtenção de respostas claras e pretensamente definitivas, mas, sobretudo pelo valor das questões levantadas no debate público, ou seja, pelo impacto das perguntas que o processo deve suscitar discutir e avaliar (SOBRINHO, 2000, p. 106).

Sem dúvida, a avaliação é fundamental para compreensão do processo contínuo de construção da aprendizagem. Além disso, tem a função de orientar a prática pedagógica, salientando que deve acontecer de forma contínua e sistemática, dando ênfase aos aspectos qualitativos do conhecimento construído pelo aluno, ou seja, aproveitando o que o aluno já possui. Por isso, ao assumir característica investigativa favorece a utilização de diferentes instrumentos de avaliação ao longo do processo de ensino.

Por fim, as autoras Condemarín e Medina (2005, p.13-) defendem a proposta da “avaliação autêntica” da aprendizagem da linguagem e da comunicação, a qual *se constitui em uma instância destinada a melhorar a qualidade das aprendizagens*. A função dessa avaliação é melhorar a qualidade do processo de aprendizagem e aumentar a probabilidade de que todos os estudantes aprendam.

Consideram ainda, as autoras Condemarín e Medina (pp.14-28) como princípios e características da avaliação autêntica: um processo participativo; diferencia avaliação de qualificação; é coerente com os paradigmas da reforma educacional; é coerente com as atuais compreensões sobre a aprendizagem da linguagem oral e escrita; centra-se nos pontos fortes

dos alunos; constitui um processo multidimensional; considera os benefícios pedagógicos envolvidos na análise dos erros; recomenda a utilização de portfólios; favorece a equidade educativa; favorece o desenvolvimento profissional dos professores. Além disso, as bases teóricas que fundamentam a avaliação autêntica se fundamentam na teoria do esquema, perspectiva ecológica ou sociocognitiva, construtivismo e a prática pedagógica reflexiva.

2.4 O PAPEL DO EDUCADOR NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO

Na obra *avaliar para promover* Hoffmann (2011, p. 83) admite que, o educador começa a avaliar os alunos, antes mesmo, de entrar numa sala de aula para iniciar o ano letivo. Essa prática exige do educador, que atua no Ensino Fundamental nos Anos Iniciais, o planejamento dos primeiros passos pressupõe concepções acerca do que seria adequado propor, ou, desenvolver com uma turma de alunos em termos de sua faixa etária, condições socioculturais, possibilidades cognitivas, entre outros aspectos vinculados ao conteúdo de aprendizagem. Além disso, o educador pressupõe possibilidades e interesses da turma, assim como, colocam-se em evidência, suas próprias expectativas, o currículo assumido pela escola, os recursos didáticos disponíveis e o tempo previsto para a execução do seu planejamento.

A partir dessa reflexão inicial, observa-se que o professor/educador inicia a compor o cenário educativo, apontando temas e tarefas, reivindicando materiais didáticos, assumindo determinadas posturas, portanto, tomando várias decisões que compõem tal cenário. Na verdade, avaliar ainda consiste em uma das grandes dificuldades da ação docente. A prática realizada no interior da escola evidencia os descaminhos e as contradições existentes no processo educacional. A Escola tem reproduzido um tipo de avaliação denominada formativa por ter função apenas classificatória, estimulando o fracasso e a exclusão social.

Posto isto, consideramos importante quando Luckesi (1999, p. 29), discute que, a avaliação reflete os valores da cultura dominante, por isso, afirma que, A avaliação da aprendizagem escolar no Brasil está a serviço de uma pedagogia dominante que, por sua vez serve a um modelo social dominante, o qual, genericamente, pode ser identificado como modelo social e liberal conservado.

Podemos dizer que, tais afirmações comungam com as práticas pedagogias hegemônicas (tradicionalistas) que se definiram historicamente, estiveram e ainda estão a serviço do modelo capitalista vigente. Dessa forma, a avaliação da aprendizagem está contextualizada dentro dessa pedagogia instrumentalizada, pelo entendimento das teorias práticas da sociedade.

Podemos acrescentar que o modelo neoliberal e o conservador da sociedade produzem três pedagógicas diferentes, mas estão relacionadas entre si, com o mesmo objetivo de conservar a sociedade na teoria. A prática da avaliação escolar, no modelo liberal conservador está centrada no autoritarismo, exigindo controle e enquadramentos dos indivíduos nos parâmetros previamente estabelecidos de equilíbrio social. Assim, a avaliação da aprendizagem será um instrumento disciplinador, não só das condutas cognitivas com as sociais no contexto escolar.

Neste contexto, tal avaliação deverá manifestar-se como um mecanismo de diagnóstico da situação, tendo em vista o avanço e o crescimento, e não a estagnação disciplinadora. Portanto, a avaliação da aprendizagem escolar será autoritária enquanto estiver a serviço de uma pedagogia conservadora e não voltada para a transformação da educação. É preciso promover a democratização da escola, apresentando uma prática pedagógica a serviço da transformação da sociedade e a favor do ser humano.

No entanto, alguns modelos de avaliação adotados na escola podem produzir o fracasso escolar. Porém, outros fatores podem contribuir também para o insucesso escolar. Dentre outros aspectos que podem contribuir para o fracasso escolar destaca-se: o método do professor, os conteúdos, as dificuldades de aprendizagem, o desnível entre idade e série, bem como, as condições socioeconômicas.

Ao apontar alguns pontos determinantes do fracasso escolar, como as variáveis: “extra e extraescolar” consideramos que as questões extraescolares aparentemente para o professor/avaliador não fazem diferença, na medida em que o fracasso escolar depende em última instância, de fatores socioeconômicos e políticos. Entretanto, para que ocorram mudanças satisfatórias é preciso que os educadores busquem alternativas que possibilitem atender às necessidades e aos interesses da maioria da comunidade escolar. Os fatores intra escolares em seu nível de atuação exigem uma ação imediata dos educadores. Mesmo cientes dos problemas, não serão resolvidos de imediato.

Mas, é possível minimizar os efeitos do fracasso escolar, buscando enfrentar a retenção do aluno através de práticas de ensino dinâmicas, criativas mediante procedimentos adequados o que resultará em níveis favoráveis no quadro de desempenho da avaliação. Não é tudo, mas é o começo para que os índices de retenção possam baixar. É função prioritária de a escola possibilitar o acesso ao conhecimento, habilitando e capacitando o indivíduo para atuar em seu meio social conscientemente.

Portanto, ao reprovar, a escola atesta que o mais importante foi o que o aluno não aprendeu. Além disso, os aspectos negativos proporcionados ao aluno contribuem para a

formação de rótulos reprimindo o desenvolvimento e a aquisição de novos saberes. Em alguns momentos, as provocações irão partir da ação docente, em outros, dos próprios alunos ou de alguma circunstância vivida pelo grupo, para tanto, é fundamental que os educadores possam repensar a metodologia, o sistema de avaliação, os recursos didáticos e reconhecer a inadequação e a urgência de novas posturas frente à realidade da clientela.

3. CONTEXTO E METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma Escola Pública, localizada no município de Boa Vista no Cariri paraibano, que teve a melhor nota no último IDEB, no estado da Paraíba. O índice de Desenvolvimento do Ensino Básico (IDEB), é medido a cada 2 anos, onde é avaliado o desempenho das escolas brasileiras. A constatação é feita em números do IDEB, a qualidade de ensino medida através do fluxo escolar e das médias de desempenho do Ministério da Educação. Em 2007 a média foi de 4 pontos, em 2009 essa nota subiu para 4,5 pontos, em 2011 foi de 4,6 pontos. Foi devido a essas notas, que a equipe escolar luta a cada ano para um melhor desempenho.



Numa conversa informal com o gestor escolar tomamos conhecimento de que o investimento para a aquisição desse resultado da avaliação da aprendizagem no interior dessa

unidade de ensino pesquisada ocorreu devido à articulação e o empenho entre todos os funcionários que exercem as suas funções nesta unidade de ensino, e de modo específico dos professores. O ensino na escola foi reforçado através de simulados durante todo ano, preparando o aluno nas áreas de conhecimentos em Língua Portuguesa e Matemática, onde o trabalho é realizado de forma conjunta entre professores-alunos-escola.

Neste momento, percebemos que o resultado da pontuação alcançada de 6,6 colocou o município de Boa Vista em primeiro lugar no IDEB, no ano de 2014, batendo assim a média estadual de 5,1 e da média nacional que foi de 5,2. A média 6,6 era uma média estimada para o ano de 2021 e foi alcançada em 2014, pela escola campo de pesquisa.

A metodologia utilizada neste trabalho foi qualitativa de natureza exploratória e bibliográfica. Para Richardson (1999, p. 79), “a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social”. E acrescenta que “o método qualitativo difere, em princípio, do quantitativo à medida que não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema [...]”. (RICHARDSON, 1999, p. 79).

A pesquisa exploratória pode ser realizada através de diversas técnicas, geralmente com uma pequena amostra, permite ao pesquisador definir o seu problema de pesquisa e formular a sua hipótese com mais precisão, ela também lhe permite escolher as técnicas mais adequadas para suas pesquisas e decidir sobre as questões que mais necessitam de atenção e investigação detalhada, e pode alertá-lo devido a potenciais dificuldades, as sensibilidades, a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atentos ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório.

Para coleta de dados aplicamos um questionário contendo cinco (5) perguntas, cujas respostas dos foram agrupadas em categorias para análise, digitadas e expostas, para melhor visualização dos dados coletados.

3.2 SUJEITOS PESQUISADOS

A pesquisa foi realizada com cinco professoras do município de Boa Vista no Cariri paraibano, onde as mesmas lecionam. A **P1** do 1º Ano tem apenas o pedagógico, não possui nenhuma especialização se encontra na instituição a 20 anos, onde entrou por meio de concurso público. A **P2** do 2º Ano, possui Ensino Superior completo, sem nenhuma especialização em Educação, entrou na escola através de contrato, hoje se encontra na mesma instituição efetiva através de concurso público, leciona em sala de aula há oito anos. A **P3** do

3º Ano, é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), não possui nenhuma especialização, entrou na instituição através de concurso, e trabalha na escola lecionando 20 anos. A **P4** do 4º Ano, é graduada em Pedagogia pela a Universidade Estadual da Paraíba, tem especialização em Educação Infantil pela Faculdade Integrada de Patos (FIP), se encontra na instituição há 5 anos entrou através de contrato. A **P5** do 5º Ano, é formada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), tem especialização em psicopedagogia pela Faculdade Integrada de Patos (FIP), é concursada e trabalha lecionando na instituição há oito anos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 OS DADOS DO IDEB DO MUNICÍPIO DE BOA VISTA-PB

O IDEB* foi criado pelo INEP em 2007 e reúne um único indicador de informações sobre o desempenho nas avaliações externas de larga escala, com base no órgão do SAEB, cujo sistema se realiza com a aplicação das provas a cada dois anos, e trás o fluxo escolar de aprovação analisada.

Observa-se que o IDEB possui em seu indicador dois conceitos importantes para que haja a qualidade da educação, são eles: fluxo escolar, e as médias de desempenho nas avaliações. Esse cálculo é feito a partir dos dados de reprovação escolar, no Censo Escolar e médias de desempenho nas avaliações do INEP, SAEB e Prova Brasil†. Foi estabelecido até 2022 como meta para o Brasil, o IDEB de peso 6.0, cuja média corresponde a um sistema educacional de qualidade se esta for comparada, com a dos países desenvolvidos.

* A análise e discussão dos dados se baseiam na seleção dos instrumentos oficiais fornecidos por quatro órgãos, como: O Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (INEP), o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), Ministério da Educação (MEC).

† Para o MEC a expressão Prova Brasil significa: e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) são avaliações para diagnóstico, em larga escala, desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). Têm o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos

Tabela 1 - IDEB 2005, 2007 e Projeções para o BRASIL

	Anos Iniciais do Ensino Fundamental				Anos Finais do Ensino Fundamental				Ensino Médio			
	IDEB Observado		Metas		IDEB Observado		Metas		IDEB Observado		Metas	
	2005	2007	2007	2021	2005	2007	2007	2021	2005	2007	2007	2021
TOTAL	3,8	4,2	3,9	6,0	3,5	3,8	3,5	5,5	3,4	3,5	3,4	5,2
Dependência Administrativa												
Pública	3,6	4,0	3,6	5,8	3,2	3,5	3,3	5,2	3,1	3,2	3,1	4,9
Federal	6,4	6,2	6,4	7,8	6,3	6,1	6,3	7,6	5,6	5,7	5,6	7,0
Estadual	3,9	4,3	4,0	6,1	3,3	3,6	3,3	5,3	3,0	3,2	3,1	4,9
Municipal	3,4	4,0	3,5	5,7	3,1	3,4	3,1	5,1	2,9	3,2	3,0	4,8
Privada	5,9	6,0	6,0	7,5	5,8	5,8	5,8	7,3	5,6	5,6	5,6	7,0

Fonte: SAEB e Censo Escolar.

A **TABELA-1** em análise nos mostra uma avaliação nos três níveis de ensino, quais sejam Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental. Para a dimensão que assume este artigo, delimitamos os dados da análise apenas, para os resultados relacionados aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Desse modo, observam-se através do IDEB, dados representativos, no período que toma por base o ano de 2005 e 2007 correspondente, as metas previstas para o período de 2007 a 2021, em relação a 5 (cinco) formas de sistema de ensino: pública, federal, estadual, municipal e privada.

De acordo com o MEC, no ano de 2005 o Brasil obteve apenas média 3,8, na escala para os Anos Iniciais do Ensino fundamental, já em 2007 essa média subiu para 4,2, isso deixando o Brasil acima da meta prevista. Percebe-se um avanço um avanço na melhoria da qualidade da Educação, onde teve um avanço de 0,4 pontos em comparação a 2005.

O SAEB avalia a aprendizagem dos alunos, identificando a capacidades de construir, em diversos momentos de sua vida escolar. No entanto, não considera as condições de vida social e econômica dos alunos. As avaliações realizadas pelo SAEB e Prova Brasil, busca colocar conteúdos em diversos momentos de sua vida escolar.

Às crianças e ao adolescente de até 18 anos a Lei N° 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente/ECA) preconiza em seu artigo 4° que:

é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à **educação**, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

A Prova Brasil foi criada em 2005, devido a necessidade de se tornar mais detalhada a avaliação, a Prova Brasil tem um papel importante na avaliação, ela é responsável em avaliar todos os estudantes da rede pública urbana de ensino, de 2º 5º e 9º ano do Ensino Fundamental. Ela tem por objetivo verificar se o índice de aprendizagem está no nível esperado. Segundo OLIVEIRA E CASTRO (2001),

A evidência de que somos um País de analfabetos e iletrados com uma pequena elite escolarizada é contundente. Os dados do SAEB, colhidos a partir de cinco avaliações ao longo da década de 90, revelam que a situação não está melhorando, e há fortes indícios de que esteja piorando, como sugerido pela avaliação realizada em 1999, [...], Esforços nessa direção, por louváveis que sejam [...], são relativamente caros, difíceis e de resultados muito modestos. (P.131)

4.1.1 Características Principais da Provinha Brasil

Vejamos algumas das principais características que possui a “Provinha Brasil”, no contexto da educação brasileira.

- É aplicada duas vezes durante o ano letivo: início (abril) do 2º ano de escolarização e ao final (novembro) desse mesmo ano letivo;
- Tem por objetivo fornecer informações sobre o processo de alfabetização aos professores e gestores das redes de ensino;
- É censitária às escolas públicas;
- Participam da prova todos os estudantes matriculados os estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental, das redes públicas de ensino;
- Não tem finalidades classificatórias;
- Quem aplica é o próprio professor da turma, ou um profissional indicado pelas secretarias de educação;
- A correção também é feita pelos profissionais da escola ou rede de ensino.

4.1.2 Avaliação na busca de resultados

Nos últimos anos a educação se tornou um tema em destaque, revelando um grande instrumento para a melhoria da qualidade da educação. No entanto, a avaliação tem um papel muito importante de orientar o aluno a tomar consciência de seus conhecimentos, além de propiciar que o mesmo sejam pessoas críticas, dessa forma avançando na superação das dificuldades para continuar progredindo no processo de ensino aprendizagem.

O ato de ensinar e de aprender, também está relacionado a transformações de mudanças e alcance de conhecimentos, tanto motores, cognitivos, quanto afetivos e sociais.

Com base nesses fundamentos, o ato de avaliar resume em verificar se os mesmos estão sendo alcançados ao nível exigido pelo professor. Segundo Freitas (1995), “A avaliação não se restringe a instrumentos de medição, mas acaba sendo configurado como instrumento de controle disciplinar, de aferição de atitudes e valores dos alunos” (P.63).

O INEP Instituto Nacional de Educação e Pesquisa, dispõe de elementos para orientação na área educacional, de forma que favoreça uma educação de qualidade para todos estimulando a busca de resultados efetivos na escola.

Hoje a educação tem uma grande preocupação, principalmente as escolas públicas, com os resultados das avaliações. Devido essa grande preocupação, o Governo Federal tem disponibilizado para a Secretaria de Educação, mais recursos, tentando aproximar o máximo possível os resultados do IDEB com a média mundial.

Devido a isso, esse tipo de avaliação externa como Prova Brasil, que é aplicada nas escolas, veio com o objetivo de assegurar o processo avaliativo mais transparente, pois a prova oportuniza esclarecer a real aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental, com o intuito de melhorar cada vez mais os resultados da educação. Vasconcelos (2002) afirma que,

[...] alterar a realidade é um grande desafio, e uma transformação mais substancial que pode depender da acumulação de uma série de pequenas transformações na mesma direção. Tenta-se hoje uma mudança durante uma semana, se não funciona já não pratica mais. É preciso persistir, ter a impaciente paciência histórica para conseguir os resultados almejados. (2002, p.102)

4.1.3 O Índice de Desenvolvimento da Educação (IDEB)

Os dados do IDEB do ano de 2007, apresentados pelo MEC, mostram que para atingir as metas esperadas não será um processo fácil, era necessário analisar melhor se tais metas são de fato a conjunção de diversos fatores reais de melhoria da qualidade de ensino. Esse trabalho não tem o objetivo de tentar levantar prognósticos do que de fato se concretiza como qualidade educacional em função do IDEB, mas buscar através de dados já publicados pelo INEP/MEC, resultados de algumas das cidades que tiveram êxito na avaliação.

Com base nos dados do INEP, é apenas considerado o índice atingido nos anos iniciais do ensino fundamental, em especial se destacou o Nordeste, que vem ultrapassando as expectativas de 2009, a nota que era 2,9 em 2005, passou para 3,5 em 2007, sendo esse aumento bem acima da meta esperada que era 3,0.

No Nordeste se encontra os maiores saltos de qualidade na educação básica alcançada na avaliação de 2007, o Estado de Alagoas superou as metas de 2009 nas séries iniciais e finais do ensino fundamental. Encontra-se em destaque o Rio Grande do Norte, 3,4 (2007, 2,8; 2009, 3,1).

Tabela 2 – IDEB por Regiões e Unidades Federativas.

Região/Unidade	OBTIDO ⁸		Projeções (Metas)							
da Federação	2005	2007	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Norte	4,0	3,4	3,1	3,4	3,8	4,1	4,4	4,7	5,0	5,3
Rondônia	3,6	4,0	3,7	4,0	4,5	4,7	5,0	5,3	5,6	5,9
Acre	3,4	3,8	3,5	3,8	4,3	4,5	4,8	5,1	5,4	5,7
Amazonas	3,1	3,6	3,1	3,5	3,9	4,2	4,5	4,8	5,1	5,4
Roraima	3,7	4,1	3,8	4,1	4,5	4,8	5,1	5,4	5,6	5,9
Pará	2,8	3,1	2,8	3,1	3,5	3,8	4,1	4,4	4,7	5,0
Amapá	3,2	3,4	3,2	3,6	4,0	4,3	4,6	4,9	5,2	5,4
Tocantins	3,5	4,1	3,6	3,9	4,3	4,6	4,9	5,2	5,5	5,7
Nordeste	2,9	3,5	3,0	3,3	3,7	4,0	4,3	4,6	4,9	5,2
Maranhão	2,9	3,7	2,9	3,3	3,7	4,0	4,2	4,5	4,8	5,2
Piauí	2,8	3,5	2,9	3,2	3,6	3,9	4,2	4,5	4,8	5,1
Ceará	3,2	3,8	3,2	3,6	4,0	4,3	4,5	4,8	5,1	5,4
R. G. do Norte	2,7	3,4	2,8	3,1	3,5	3,8	4,1	4,4	4,7	5,0
Paraíba	3,0	3,4	3,1	3,4	3,8	4,1	4,4	4,7	5,0	5,3
Pernambuco	3,2	3,6	3,3	3,6	4,0	4,3	4,6	4,9	5,2	5,5
Alagoas	2,5	3,3	2,6	2,9	3,3	3,6	3,9	4,2	4,5	4,8
Sergipe	3,0	3,4	3,1	3,4	3,8	4,1	4,4	4,7	5,0	5,3
Bahia	2,7	3,4	2,8	3,1	3,5	3,8	4,1	4,4	4,7	5,0
Sudeste	4,6	4,8	4,6	5,0	5,4	5,6	5,9	6,1	6,4	6,6
Minas Gerais	4,7	4,7	4,8	5,1	5,5	5,7	6,0	6,2	6,5	6,7
Espírito Santo	4,2	4,6	4,3	4,6	5,0	5,3	5,6	5,8	6,1	6,3
Rio de Janeiro	4,3	4,4	4,4	4,7	5,1	5,4	5,6	5,9	6,1	6,4
São Paulo	4,7	5,0	4,8	5,1	5,5	5,8	6,0	6,3	6,5	6,7
Sul	4,4	4,8	4,5	4,8	5,2	5,5	5,8	6,0	6,3	6,5
Paraná	4,6	5,0	4,7	5,0	5,4	5,6	5,9	6,2	6,4	6,6
Santa Catarina	4,4	4,9	4,5	4,8	5,2	5,5	5,8	6,0	6,3	6,5
R. G. do Sul	4,3	4,6	4,3	4,7	5,1	5,3	5,6	5,9	6,1	6,4
Centro-Oeste	4,0	4,4	4,1	4,4	4,8	5,1	5,4	5,6	5,9	6,2
M. G. do Sul	3,6	4,3	3,6	4,0	4,4	4,7	5,0	5,2	5,5	5,8
Mato Grosso	3,6	4,4	3,7	4,0	4,4	4,7	5,0	5,3	5,6	5,9
Goias	4,1	4,3	4,2	4,5	4,9	5,2	5,4	5,7	6,0	6,2
Distrito Federal	4,8	5,0	4,9	5,2	5,6	5,8	6,1	6,3	6,6	6,8

Fonte: MEC/INEP.

A **TABELA-2** nos mostra uma avaliação por regiões, na tabela são analisadas 4 regiões, mas para análise desse trabalho delimitamos os dados da Região Nordeste. No entanto, destacaremos a Paraíba, onde o maior destaque foi a Escola Pública Francisco Leite, no Município de Boa Vista considerada uma das melhores médias, média essa esperada apenas para 2021.

4.2 AS CONTRIBUIÇÕES DO IDEB PARA OS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO MUNICÍPIO DE BOA VISTA-PB

Para a transcrição dos dados coletados nesta pesquisa tivemos de adotar algumas convenções tanto para a **Aluna pesquisadora** que convencionamos chamar de (**Ap**), e para as 5 (cinco) professoras do 1º, do 2º, 3º, 4º e 5º dos Anos Iniciais, que entrevistamos denominamos para a **Professora P (1, 2, 3, 4, 5...)**.

O tratamento dos dados para a relação dos pares entre perguntas e repostas segue as orientações de Marcuschi (1999 e 2001), conforme podemos observar em cada um dos cinco exemplos dados, a partir do dizer de cada professor pesquisado.

O objetivo desta pesquisa surge, enquanto estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia/UEPB, com a intenção de analisar, a partir do que diz os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental se este resultado de 6.6 trouxe algum tipo de modificação no processo de ensino e aprendizagem, na referida escola.

Nesse contexto, **Ap** conversa com cada **Professora (do 1º ao 5º Ano)** para saber de que maneira o ensino e a prática de avaliação da aprendizagem em Língua Portuguesa, na Escola Municipal de Boa Vista-PB, tem melhorado ou não após, ter obtido um resultado expressivo, cuja nota foi de 6,6 no resultado do IDEB de 2014, embora estivesse sido estimada tal resultado somente para o ano de 2021. Vejamos a seguir o que diz cada professor, em cada exemplo a seguir.

Exemplo -1:

I - PERGUNTA DE Ap	RESPOSTA DADA POR CADA P (1, 2, 3,4 e 5)	
Que mudanças tem se constituído no rendimento do aluno do 1º, 2º, do 3º do 4º e do 5º ano, em relação à posição da Escola no IDEB de 2014, para os dias atuais de 2016?	P1	Acredito que a posição em destaque no IDEB nos remete uma responsabilidade muito grande, pois a nossa meta será sempre crescer. E para que isso aconteça, apesar de muitos professores não aceitarem, a escola tem que trabalhar em conjunto, ou seja, deve-se haver um trabalho em equipe, onde todo o corpo escolar esteja envolvido e dispostos a lutar pelo mesmo objetivo. Ressaltando que o mais importante é o aprendizado do aluno em termos gerais e não apenas para obtermos uma média que nos leve a holofote.
	P2	Por parte da escola e dos gestores maiores, não foi perceptível grandes interesses nem esforços em relação a promoção de mudanças para com os alunos. O interesse partiu mais dos professores.
	P3	Creio que cada professor das series iniciais, considerando o avanço de cada aluno, se torna responsável para que esse aluno tenha êxito na realização de exames como do IDEB.
	P4	Se pensar em termo de estrutura material e orientação pedagógica, nenhuma! O que faz a diferença é a atuação pedagógica do professor em particular.
	P5	A continuidade no trabalho com os estudantes em todo ensino fundamental e o apoio aos alunos que têm dificuldades de aprendizagem.

No **Exemplo 1** acima podemos verificar que para a **P1** o “resultado de 6,6” do IDEB alcançado pelo aluno da Escola, no município em que trabalha trás muita responsabilidade para o trabalho docente Silva (2010).

Sobre as mudanças no rendimento escolar por parte da Escola, a resposta das professoras como: **P1** “o mais importante é o aprendizado do aluno”. Para **P2**, “O interesse partiu mais dos professores do que da escola e dos gestores”, no dizer de **P3**, - “o professor das series iniciais se torna responsável, para que esse aluno tenha êxito na realização de exames do IDEB”, para a **P4** - “O que faz a diferença é a atuação pedagógica do professor em particular” Hoffmann (2005 e 2011).

Já para a **P5**, é preciso que haja a continuidade no trabalho com os alunos de todo ensino fundamental e o apoio com os alunos que têm dificuldades de aprendizagem. Assim, na visão desses professores o trabalho para a melhoria do seu aluno, depende mais da professora do que da gestão, enfatizando que cabe ao professor a responsabilidade de fazer com que seu aluno consiga um desempenho maior. Talvez pudéssemos considerar que fossem assumidas por essas professoras, as características de uma avaliação autêntica de trata Condemarín e Medina (2005).

Exemplo -2:

II - PERGUNTA DE Ap	RESPOSTA DADA POR CADA P (1, 2, 3,4 e 5)	
O que chama mais atenção para o aluno do 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano dos Anos Iniciais poderem ler e escrever em sala de aula? E de que maneira o professor avalia o desenvolvimento do falar, do ouvir, da leitura e ou da escrita, no ensino da Língua Portuguesa, neste ano de 2016?	P1	As atividades de leitura e escrita devem estar presentes em toda a escolaridade, começando com as turmas menores, com leituras diárias e conversas sobre as leituras, em que os alunos possam socializar suas interpretações e estabelecer relações com outras leituras, facilitando assim a prática da escrita.
	P2	As rodas de leitura. 95 % dos meus alunos neste ano de 2016, já sabem ler e escrever. Em relação a avaliação, procuro sempre observar a participação dos alunos, a forma de expressão da linguagem e o seu desenvolvimento em relação a aprendizagem.
	P3	Vale salientar que o aluno tem uma “base” antes de chegar ao 3º ano, porém, o que tem chamado atenção é a atividades que despertem o interesse na leitura, o desenvolvimento é significativo.
	P4	Textos verbais bem ilustrados e inseridos nos gêneros textuais de conto e Histórias em quadrinhos, como também, sessões de cinema e na produção de leitura de textos e dramatizações.
	P5	É importante trabalhar com textos de gêneros variados. Para que a avaliação sirva à aprendizagem é essencial conhecer cada aluno e suas necessidades. Ampliar os debates sobre os textos ajuda a aumentar o envolvimento e participação da turma.

No **exemplo 2**, acima, podemos verificar que a **P1** acredita que o mais importante é introduzir a leitura e a escrita para as crianças, desde os primeiros anos de escolaridade

Sobre o que chama mais atenção a leitura e escrita em sala de aula e a maneira do professor avaliar o desenvolvimento do falar, do ouvir, da leitura e da escrita. Para as **P2** - “acha essenciais às rodas de conversas, com leituras diárias, facilitando assim a prática da escrita”, a **P3** – “o que tem chamado atenção é a atividades que despertem o interesse na leitura, o desenvolvimento é significativo”, para **P4** – “Textos verbais bem ilustrados e inseridos nos gêneros textuais de conto e Histórias em quadrinhos, como também, sessões de cinema e na produção de leitura de textos e dramatizações”.

Para a **P5**, é importante trabalhar com textos de gêneros variados. Para que a avaliação sirva à aprendizagem é essencial conhecer cada aluno e suas necessidades. Salientando que é necessário ampliar os debates sobre os textos ajuda a aumentar o envolvimento e participação

da turma. Nesse processo de avaliação, não podemos esquecer que o professor também deve se avaliar, refletindo sobre o seu próprio trabalho, verificando seus procedimentos e, quando necessário, reestruturando sua prática. Segundo Luckesi (1992 p. 34).

Exemplo -3:

III- PERGUNTA DE Ap	RESPOSTA DADA POR CADA P (1, 2, 3,4 e 5)	
O que o seu aluno gosta de escrever em sala de aula e como você avalia esta atividade?	P1	Geralmente o trabalho com a escrita está relacionado diretamente com a leitura dos textos que são lidos diariamente, não sou a favor da cópia de textos retirados do quadro, sempre procuro incentivar meus alunos a interpretarem da sua maneira, levando em consideração o seu pouco domínio da escrita, pois no primeiro ano, o aluno está na fase inicial da aprendizagem da leitura e escrita.
	P2	A pesar da maioria dos meus alunos preferirem matemática, que é algo atípico, eles também gostam muito de escrever, procuro realizar atividades que incentivem eles a terem o prazer da leitura e da escrita.
	P3	Associando o gostar deles com nossos conteúdos, eles realizam atividades de escritas bem significativas que obtenham o real significativo do “o que escrever, o porque, o para que.”
	P4	Textos referentes a contos e montagem de tabelas no contexto da matemática. Vejo como um momento de empenho e satisfação por parte dos alunos.
	P5	Redigir diversos gêneros textuais. Escrever sobre coisas que eles gostam (Pode ser a sua família, um jogo de vídeo game, um animal de estimação), ou seja, trazer um pouco do seu dia a dia para sala de aula.

No **Exemplo 3**, acima, o que podemos observar em relação ao que o aluno gosta de escrever em sala de aula, que a **P1** - “Geralmente o trabalho com a escrita está relacionado diretamente com a leitura dos textos que são lidos diariamente, o aluno está na fase inicial da aprendizagem da leitura e da escrita”. O conhecimento de uma criança é construído lentamente, pela sua própria ação e por suas próprias ações e por suas próprias ideias que se desenvolvem numa direção: para maior concorrência, maior riqueza e maior precisão é o que trata Hoffmann (2005).

A **P2** – “procuro realizar atividades que incentivem eles a terem o prazer da leitura. e da escrita. A **P3** - “Associando o gostar deles com nossos conteúdos, eles realizam atividades de escritas bem significativas que obtenham o real significativo do “o que escrever, o porque, o para que.” A **P4** – “Vejo como um momento de empenho e satisfação por parte dos alunos”. Para Brandão (1997), o ato de ler é algo extenso e complexo, que envolve a compreensão. Para que exista a leitura, é preciso que haja uma interação entre o leitor, autor e o texto.

Para a **P5** “é necessário redigir diversos gêneros textuais. Escrever sobre coisas que eles gostam (Pode ser a sua família, um jogo de vídeo game, um animal de estimação), ou seja, trazer um pouco do seu dia a dia para sala de aula”. Para essas professoras o importante é introduzir nos métodos que façam os alunos se interessarem e gostarem de estar em sala de aula. Para as professoras a leitura é necessária, para que os alunos possam ter consciência e saber da importância da leitura, as professoras tentam na medida do possível incentivar essa prática de leitura. Silva (2003, p.70) argumenta que introduzir uma criança no mundo da leitura é, exatamente, trazer esse universo para a escola e dinamizá-lo ininterruptamente junto às novas gerações que precisam ser educadas para se tornarem cidadãos de deveres e de direitos, incluindo o de ler.

Exemplo -4:

IV - PERGUNTA DE Ap	RESPOSTA DADA POR CADA P (1, 2, 3,4 e 5)	
Em sua opinião como o professor deve avaliar as atividades de leitura e escrita no 2º ano, 3º ano, 4º ano e 5º ano?	P1	Como falei na resposta anterior, apesar do aluno do primeiro ano ainda não possuir um domínio da leitura e da escrita, muita coisa é levada em consideração. Primeiramente procuro avaliar desde o início, sempre procurando observar o desenvolvimento desse aluno, desde o momento da leitura até a realização das atividades escritas.
	P2	Recusou-se a responder.
	P3	De modo contínuo, considerando o avanço no decorrer das aulas.
	P4	Como uma oportunidade em que o aluno demonstre uma integração com o sistema da escrita e a habilidade da leitura num processo de construção mútuo.
	P5	Recusou-se a responder.

No **Exemplo 4** acima aborda a questão de como o professor deve avaliar as atividades de leituras com seus alunos. A **P1** ressalta que “apesar do aluno do primeiro ano ainda não

possuir um domínio da leitura e da escrita, muita coisa é levada em consideração. Procura avaliar desde o início, sempre procurando observar o desenvolvimento desse aluno, desde o momento da leitura até a realização das atividades escritas”. A **P3** – “De modo contínuo, considerando o avanço no decorrer das aulas”. A **P4** – “Como uma oportunidade em que o aluno demonstre uma integração com o sistema da escrita e a habilidade da leitura num processo de construção mútuo”. Cada professor tem seu jeito de pensar a avaliação, por isso tantas definições para o mesmo assunto. (HOFFMAN, 2001)

Exemplo -5:

V- PERGUNTA DE Ap	RESPOSTA DADA POR CADA P (1, 2, 3,4 e 5)	
O que você acha do ensino de Língua Portuguesa do Programa de Formação de Professores – (PNAIC)?	P1	É fundamental que o professor alfabetizador tenha direito à formação continuada, algo que deve acompanhar esse educador ao longo de sua jornada docente. Nós, alfabetizadores, temos o péssimo hábito de nos preocupar exclusivamente com a alfabetização em Língua Portuguesa, deixando de lado a Matemática. Com as intervenções feitas durante o curso de formação, vamos relembrando, por exemplo, como é importante o estudo da Matemática, inclusive para auxiliar na alfabetização de nossas crianças.
	P2	Recusou-se a responder.
	P3	Avalio de maneira positiva além de uma rica troca de experiência, temáticas relevantes são trabalhados conosco.
	P4	Recusou-se a responder.
	P5	Recusou-se a responder.

No **Exemplo 5** acima aborda sobre a importância do Ensino de Língua Portuguesa do Programa de Formação de Professores – (PNAIC), onde a **P1** “aponta a importância que o professor alfabetizador tenha direito à formação continuada, algo que deve acompanhar esse educador ao longo de sua jornada docente”. A **P3** “Avalia de maneira positiva além de uma rica troca de experiência, temáticas relevantes são trabalhados conosco”. Para tanto, é importante discutir que habilidades e conhecimentos são necessários para o fazer pedagógico e quais podem ser aprimorados pelos professores nas formações continuadas, tendo em vista a realidade da sua prática profissional e principalmente o seu envolvimento de forma satisfatória Ferreira e Leal (2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o processo de avaliação nos Anos Iniciais do ensino fundamental pode fornecer uma contribuição significativa à prática diagnóstica e formativa do educador avaliador. Para tanto, é urgente que a avaliação passe a assumir o caráter transformador e não de mera constatação e classificação de alunos nas escolas. Antes de tudo deve-se valorizar a promoção da aprendizagem e o desenvolvimento de todos os alunos.

Ao analisar as condições da educação no momento atual percebemos que ainda precisamos enfrentar um longo caminho a ser percorrido para que as mudanças possam ocorrer efetivamente no processo de avaliação da aprendizagem. Os obstáculos persistem em decorrência da tradição avaliativa há muito tempo já existente, são representações, valores, concepções que estão enraizadas e funcionam como elemento de resistência à construção de novas práticas.

Sem esquecer também que a assimilação por parte do professor de uma cultura da retenção soa como algo estranho, indiferente aos elevados índices de reprovação e evasão escolar. Para tanto é necessário desenvolver uma série de práticas, normas, rituais, na escola numa forma de alinhamento da aprendizagem. De tal forma ou estrutura institucional que acabe favorecendo uma nova postura para avaliação da aprendizagem.

Portanto o maior desafio da avaliação nos Anos Iniciais é o investimento no processo, o olhar diferenciado, o respeito às especificidades de cada aluno, é o repensar sobre a prática pedagógica em sala de aula. Exige consciência enquanto professores, que somos responsáveis pelas mudanças necessárias para vencermos todos os desafios de estar à frente de uma sala de aula.

Diante destas mudanças tão rápidas, depende do professor o comprometimento de um trabalho pautado na verdade, onde a avaliação privilegie as habilidades dos alunos considerando suas especificidades, que não seja mascarada, sendo apenas um teste de conhecimentos para uma verificação e classificação de conhecimentos.

Sabemos que o trabalho avaliativo deve começar não somente na educação infantil, mas que deve prosseguir nos Anos iniciais e deve ser uma preocupação constante contínua ao longo da formação entre aluno e professor. Além disso, a avaliação precisa acontecer de forma contínua que venha a contribuir no processo de formação do aluno crítico e agente de mudança nos dias atuais. Nessa linha de pensamento convém lembrar que os professores entrevistados também chegaram a afirmar que a avaliação deve ser contínua, que as

observações devem ser diárias e que esse trabalho deve ser realizado com a importância de seu aluno aprender.

Enfim, o desafio da avaliação é favorecer o processo de ensino-aprendizagem, e contribuir para sanar as necessidades dos alunos objetivando superar as dificuldades. A escola ao assumir um compromisso democrático busca esgotar suas possibilidades e ajudar o educando a progredir.

O que significa dizer que o tempo não para é hora de a escola ultrapassar o modelo tradicional de ensino baseado na transmissão, cobrança, repetição mecânica e classificação. É preciso oportunizar a ampliação de alternativas para a avaliação da aprendizagem, pois, muitas vezes, quando se pensa que “já se fez tudo que podia”, é o momento de refletirmos: até que ponto é o aluno responsável pelos problemas de aprendizagem? Ou a escola precisa inovar e repensar posturas educacionais e adotar novas possibilidades metodológicas de ensino? Daí a necessidade de novos estudos para a compreensão da finalidade da avaliação tanto para o educador quanto para os próprios alunos.

É oportuno esclarecer que este trabalho de pesquisa que realizei, trouxe certa mudança tanto em relação a minha postura quanto em relação ao conceito e a prática de ensinar e compreender que a avaliação é uma aliada na prática pedagógica do educador. Outro setor como o de ensino e aprendizagem requer, desde o planejamento das aulas baseados nos objetivos que os alunos necessitam, até o uso social apropriado da língua materna capaz de expressar a linguagem significativa que após, ser submetido a determinadas aprendizagens, passa a ter uma importância maior quando ele é olhado com esse enfoque. Agindo assim, os alunos se sentem mais motivados a estudar porque sabem claramente, o que precisavam fazer e o que deveriam demonstrar.

ABSTRACT

This article aims to discuss the evaluation practice of the Early Years in a school of the Boa Vista-PB city, from 2014 IDEB data and the oral text content provided by the surveyed teachers. It is known that the question of evaluation is present in all aspects of teaching practice and it becomes important to understand the dilemmas posed by the evaluation practice. Adopts a bibliographic and qualitative methodology, with data collected from 5 subjects (teachers from grade 1 to grade 5) that teach in a school unit of the Boa Vista-PB city and are between 8 and 20 years of experience. We attempted to theoretical support in the work of some authors, such as: Hoffman (2005), Luckesi (2002), Sarmiento (1997), among others. It was concluded that the biggest challenge of the Portuguese Language assessment for the teacher of the Elementary School Early Years is your self-evaluation capacity with respect to the teaching and learning process, as well as the different look, respect the specificities of each student, it is rethinking about the pedagogical practice in the classroom, it is to realize that winning the evaluation challenges is something that does not depend solely on the teacher in the classroom, but involve economic, social, political, family, school, among others.

Keywords: Evaluation in Portuguese, the Early Years Teaching and Learning, Teaching Practice.

REFERÊNCIAS

BONAMINO, Alícia, COSCARELLI, Carla, FRANCO, Creso. Avaliação e letramento: concepções de aluno letrado subjacentes ao SAEB e ao PISA. In: **Educação & Sociedade: Revista de Ciência da Educação**. Vol.23, n.8, dez.2002.

BRASIL, **LEI DE DIRETRIZES E BASES**. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria da Educação Fundamental: Brasília, 1996.

BRANDÃO, Helena. **Aprender a ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Cortez, 1997.

CANEN, A. Avaliação da aprendizagem. In: CANEN, A; SANTOS, A. R. (Org.). **Educação Multicultural: teoria e prática para professores e gestores**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2009. Cap.3, (pp. 41-124).

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. As noções de erro e fracasso no contexto escolar: algumas considerações preliminares. In: AQUINO, Julio Groppa. **Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: SUMMUS, 1997, (pp. 11-24).

CONDEMARÍN, Mabel, MEDINA, Alejandra. **Avaliação autêntica: um meio para melhorar as competências em linguagem e comunicação**. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

DILIGENTI, Marcos Pereira. **Avaliação participativa no ensino superior e profissionalizante**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

FERREIRA, Andrea. T. B. e LEAL, Telma F. A formação continuada de professores: enfim o que pensam e sugerem os docentes? In: **Formação continuada de professores: Reflexões sobre a prática**. Recife: UFPE, 2010.

FRANCO, Marco A.M. **Prática pedagógica na alfabetização: construindo o espaço da oralidade na sala de aula**. 1 ed. Curitiba; CRV, 2010.

HOFFMANN, J. **Pontos e contrapostos: do pensar ao agir em avaliação**. 9ed. Porto Alegre, 2005.

_____. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. 14. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

LUCKESI, C. **Avaliação Educacional: pressupostos conceituais Tecnologia Educacional**. Rio de Janeiro. 1978.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MATUI, Jiron. **Construtivismo: Teoria construtivista sócio-histórica Aplicada ao Ensino**. São Paulo: Moderna, 1995.

OLIVEIRA, J.B. A; E CASTRO Cláudio M. **Relatório Tele curso**. Rio de Janeiro Fundação Roberto Marinho Ano 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens**. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

RICHARDSON, R. J. (et al.) **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Avaliação no ensino. In: SACRISTÁN, J. Gimeno; GOMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Tradução Ernani F. Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

SARMENTO, Diva C. (Coord.). **O discurso e a prática da avaliação na escola**. Minas Gerais: Pontes, 1997.

SILVA, Janssen F. da. **Avaliação na perspectiva formativa-reguladora: pressupostos teóricos e práticos**. 3ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

SILVA, Rovilson José da. Biblioteca escolar e a formação de leitores: **o papel do mediador de leitura**. Londrina: EDUEL, 2009.

VASCONCELLOS, **Avaliação da Aprendizagem: práticas de mudança – por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad,, 1998.

_____. **Avaliação: Concepção Dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad,1992.